

## FILMES SÃO COMO SONHOS: AS FICÇÕES DE UMA IDENTIDADE NO CINEMA NEGRO BRASILEIRO ENTRE A EXPERIÊNCIA E A FABULAÇÃO <sup>1</sup>

Rafael Luan DA SILVA<sup>2</sup>

<sup>1</sup> GT 3 - Indústrias Midiáticas

<sup>2</sup> Afiliação Universidade Federal Fluminense, rafaelluan@id.uff.br.

### RESUMO

O cinema ao contrário da arte teatral, buscou desde seu advento uma relação com a fidelidade de representar o real. A ficção enquanto gênero cinematográfico se pauta por uma representação desse realismo através de alegorias, que mesmo fantasiosas, articulam uma série de elementos que dão sentido a determinando universo. Pensar o cinema e o uso da “ficção” para transpor uma experiência de vida cotidiana é uma prática que se estabelece nos filmes problematizados neste artigo. O consumo da imagem do corpo negro no cinema, televisão e rádio possui um histórico de que demarca o lugar de subalternidade para as identidades negras, reforçando estereótipos e criando narrativas visuais racistas.

A experiência da ficção como ferramenta de reinvenção do familiar, se exemplifica no contexto dos realizadores Gabriel Martins e André Novais Oliveira, sócios e co fundadores da produtora “Filmes de Plástico”. Através da metodologia de análise fílmica da imagem e do som este trabalho busca identificar nos filmes “Quintal” e “Rapsódia para o homem negro”, aspectos que dimensionam o uso da fabulação como possibilidade de relacionar o cotidiano como dimensão estético-política que ressignifica as imagens dos sujeitos negros na sociedade e crie outras possibilidades de identificação. A análise da imagem e som permite-nos pensar os diferentes usos da linguagem e do espaço fílmico pelos realizadores na construção dessa relação entre a fabulação e o cotidiano.

A linguagem do audiovisual e o cinema enquanto tecnologia e prática, se constitui aqui enquanto um discurso. Isto por que dentro do que se convencionou entender como cinema, se instaurou uma fala sobre tal. Uma representação compartilhada com elementos que definem o que seria ou não cinema de ficção, por exemplo. O modo de fazer desse cinema que emerge nas periferias brasileira e encontra nesse modo um pensar sobre o comum e o banal, é fruto de um processo histórico que revela diferentes usos das práticas cinematográficas para retratar um outro sujeito negro. A objetificação e fetichização de corpos negros através das imagens geradas pelo cinema faz parte de um projeto político, que instrumentaliza a linguagem cinematográfica na busca de constituir um arquétipo que cristaliza o outro.

A marginalização recorrente nos processos de distribuição e redistribuição das imagens dificultam o desenvolvimento de estratégias cinemáticas autoconscientes, no entanto, é preciso se

dedicar a perspectivas inovadoras nas formas de capturar determinadas realidades. A relação com o onírico ao mesmo tempo que se constitui como narrativas que reproduzem um cotidiano banal se estabelecem nos filmes analisados a partir das questões territoriais, seja o lugar da casa ou do bairro, em Quintal e Rapsódia a história se desenvolve a partir de premissas que permeiam a estética naturalista ao mesmo tempo que possui camada de um realismo fantástico. A construção de um ideal de cinema negro que consiste em filmes que se colocam diante da expectativa que sejam mais “radicais” ou “políticos”, é permeada por contradições e limita o processo criativo de cineastas negros que se dedicam a elaborar imagens mais complexas dessa população.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE ALMEIDA, Ana Caroline. **Riscos visíveis e invisíveis em um cinema brasileiro de levantes.** Significação: Revista de Cultura Audiovisual, v. 47, n. 53, p. 48-69, 2020.

DE ALVARENGA, André Lima. **A Geografia Criativa do Cinema O Papel da Montagem na Construção dos Espaços Fílmicos.** Espaço Aberto, v. 1, n. 2, p. 39-54, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. **A estética como política. Devires-cinema e humanidades,** v. 7, n. 2, p. 14-36, 2010.

Rancière, J. **A partilha do sensível.** São Paulo: Editora 34, 2014.

XAVIER, Ismail. **A opacidade e a transparência no cinema. Significação: revista de cultura audiovisual.** São Paulo: Revista Significação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZLVF94mZZnI>. Acesso em: 13 jul. 2024.

SCANSANI, Andréa C. **Tempo e cinema: um diálogo entre Aby Warburg e Bill Morrison.** Revista FAMECOS, v. 26, n. 2, p. e32427-e32427, 2019.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tocam o real. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG,** p. 206-219, 2012.

GLISSANT, Édouard; COSTA, Keila Prado; DE TOLEDO GROKE, Henrique. **Pela opacidade.** Revista Criação & Crítica, n. 1, p. 53-55, 2008.

MONTEIRO, L. Q. G. **Rapsódia para o homem negro: a ancestralidade como forma de combate à violência racial.** Revista Aedos, [S. l.], v. 16, n. 35, p. 514–531, 2024. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/134395>. Acesso em: 13 ago. 2024.